



TRANS 16 (2012)
RESEÑAS/ REVIEWS

Susana Moreno Fernández: *El rabel: de las cocinas a los escenarios. Un estudio de caso en Cantabria*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Colección "Acceso al Saber", Serie Etnología 5, 2011. 160 pp. ISBN: 978-84-8448-657-2

Reseña de Jorge Freitas Branco (ISCTE-IUL)

A abordagem das coisas pela leitura da sua materialidade constitui uma área de pesquisa relevante, reatualizada nas últimas décadas, como o demonstra a bibliografia de referência acumulada e que congrega especialistas de várias áreas (antropologia, estudos culturais, estudos regionais, etnomusicologia, história, sociologia, entre outras). Desde *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective* (Appadurai 1986), têm surgido estudos inspirados nesta obra como ponto de partida (cf. Binsbergen e Geschiere 2005, Santos-Granero 2009).

Nesta linha, o livro aqui recenseado é um estudo etnomusicológico sobre uma prática interpretativa analisada na Cantábria, região situada no norte da Península Ibérica, levado a cabo em finais da década de 90 e na primeira do presente século. A autora dá conta da revitalização do *rabel*, um cordofone usado nos vales de Campoo e de Polaciones e que passou a emblema regional cantábrico. Como refere logo no título, é uma situação em que um artefacto sai das cozinhas e sobe aos palcos ou, dito de outra forma, abandona o âmbito doméstico para se expor ao mundo (cf. para a discussão de casos comparáveis sob este aspeto Bausinger 1990, Martí 1996, Campos Calvo-Sotelo 2008).

Los artículos publicados en **TRANS-Revista Transcultural de Música** están (si no se indica lo contrario) bajo una licencia Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 2.5 España de Creative Commons. Puede copiarlos, distribuirlos y comunicarlos públicamente siempre que cite su autor y mencione en un lugar visible que ha sido tomado de TRANS agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: www.sibetrans.com/trans. No utilice los contenidos de esta revista para fines comerciales y no haga con ellos obra derivada. La licencia completa se puede consultar en <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.es>

All the materials in **TRANS-Transcultural Music Review** are published under a Creative Commons licence (Attribution-NonCommercial-NoDerivs 2.5) You can copy, distribute, and transmit the work, provided that you mention the author and the source of the material, either by adding the URL address of the article and/or a link to the webpage: www.sibetrans.com/trans. It is not allowed to use the contents of this journal for commercial purposes and you may not alter, transform, or build upon this work. You can check the complete licence agreement in the following link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.en>



O estudo sobre o rabel da Cantábria tem pertinência na medida em que o processo de revitalização estudado por Susana Moreno mostra como a partir das coisas e da análise das transformações nelas lidas, chegamos a mais duma das suas biografias: a de antes e a atual. Baseado na sua tese de doutoramento com difusão eletrónica (2008), o livro agora editado acrescenta dados posteriormente recolhidos e tratados. A autora é nativa da área que estuda e para melhor se integrar no meio dos executantes rabelistas, aprendeu a tocar o instrumento.

O livro divide-se em sete capítulos. O primeiro é uma apresentação do instrumento no tempo e no espaço. O segundo é dedicado à prática observada e participada pela autora em dois vales (Polaciones e Campoo). No terceiro descreve-se o processo de emblematização do rabel no quadro da busca duma identificação do espaço autonómico. O quarto capítulo trata dos executantes e dos construtores, assim como da formação e reprodução desta prática musical (escolas de folclore). No quinto aborda-se a expansão da prática do rabel para o exterior, ou seja, o impacto da revitalização acontecida na Cantábria e noutras regiões de Espanha, por efeito das atuações de rabelistas cántabros em espetáculos. No capítulo seguinte, discutem-se os aspetos ligados à materialidade transformada deste artefacto musical: a adaptação do objeto às novas condições, quer em termos técnicos, como estéticos e a atualização do repertório indo ao encontro de novos públicos. O sétimo e último capítulo é um resumo, em que se sumariza o percurso de revitalização que conduziu da marginalidade à representação duma região.

Na Península Ibérica, o rabel (rabeca no domínio da língua portuguesa, cf. Oliveira 2000) predomina no norte e na região estremenha espanhola, como ainda nas Astúrias, na Rioja, em Castela e Leão, Madrid, Castela-Mancha, conforme documentado para o período que vem desde o século XIX. Seguindo os dados compilados pela autora, são na sua maioria regiões rurais de montanha (p. 24-25), assim como ainda o norte de Portugal. Como em muitos estudos “clássicos” de cultura material (cf. a título exemplificativo, Caro Baroja 1983), também a bibliografia mais antiga dedicada ao rabel se preocupa com a determinação duma origem. Os resultados são neste caso, como na maioria das situações, inconclusivos, quedando-se nas hipóteses, sintetizadas pela autora (p. 22-24). Na presente monografia é o uso do rabel que está no centro das atenções. Assim, no capítulo 1.2 a 1.4, a autora apresenta a região onde realizou o seu trabalho de campo, os vales de Campoo e de Polaciones. Refere tocadores (e casos de tocadoras), construtores e recetores da música produzida. O rabel é tradicionalmente um instrumento de manufatura local, rústico, tosco, doméstico, atribuído pela bibliografia mais antiga à vida pastoril (p. 25), na realidade executado e ouvido pelas gentes ligadas à criação de gado como modo de vida predominante.

Constrói-se escavando uma peça de madeira, ou então aplicando duas tampas armadas em caixa. Em suma: instrumento com fraco volume sonoro, inadequado para espaços abertos (p. 51). Manipulando-se colocado entre as pernas, segundo o estilo de Polaciones, ou apoiado no braço, no estilo de Campoo, toca-se com um arco.

A prática observada pela autora caracteriza-se por ser maioritariamente masculina, enquanto a pandeireta se associa ao universo feminino. Se as recolhas desde início do século XX fazem do instrumento musical em discussão o indicador de um localismo, a emigração e a industrialização verificadas a partir da década de 60 explicam a sua refuncionalização. Identificando-se cada vez mais com uma região e com uma necessidade de marcar diferença, o rabel será eleito como emblema cultural na construção regionalista, quando se desencadeia o processo das autonomias e a conseqüente formação da *Comunidad Autónoma de Cantabria* (1982). Esta dinâmica política transformou o quadro social e cultural do instrumento musical. É descoberto pela população urbana em demanda do rural entretanto desaparecido, integrado por grupos de danças e cantares regionais, consolida-se o seu consumo como artefacto de representação regional. Aumenta a procura, tanto por tocadores como por compradores desejosos de o adquirir como lembrança. Aprimoram-se a construção, a sonoridade e a estética. É a longa marcha na institucionalização do rabel e da música tradicional na Cantábria (capítulo 3). Cria-se um espaço novo para uma prática interpretativa, dirigida a outros grupos sociais e numa aprendizagem adquirida em escolas municipais de folclore, entretanto criadas. Tocadores e construtores integram esferas separadas. As novas influências traduzem outros gostos, o rabel passa a simbolizar posturas diferentes: gentes urbanas com formação musical formal evocam o rural, criticam a modernização ou aspetos da globalização, assumem-se como contra-cultura, procuram formas de estar alternativas. Deste modo, durante os anos 80, o rabel transita do domínio doméstico para o público (p. 99), posicionando pequenas localidades num mapa regional, nacional e mais além. O movimento irradia para fora da Cantábria. Salienta-se a implantação nas Astúrias e em Leão.

Na sua fase doméstica e rural, o rabel acompanhava o canto e o baile. Vozes (quase só) masculinas declamavam versos de tradição oral ou feitos de improviso. Nos repertórios tradicionais de rabel sobressaíam temas como a relação assimetrizada entre os sexos ou o anticlericalismo. A passagem para o domínio público alargado implicou a domesticação dessa crítica social e do enaltecimento da subalternização de género.

De salientar a capacidade da autora em apreender a dinâmica sócio-cultural ocorrida num conjunto de pequenos municípios onde, conjugados fatores vários, conquistou novas

territorialidades que, por sua vez, se repercutiram no artefacto musical. O surto regionalista e a emergência da comunidade autónoma cantábrica levam à institucionalização de uma prática interpretativa pública como expressão de política da cultura. O rabel representa uma comunidade que agora se dimensiona à escala regional. Imaginada por recurso à noção proposta por B. Anderson (2006) relativamente aos nacionalismos, mas aqui aplicada a outro nível de enquadramento territorial. Trata-se de um processo em que se constata uma revitalização (Ronström 1989). E não um processo de folclorização (Castelo Branco & Branco 2003), por não haver recurso intencional à fixação de uma norma elaborada no presente, mas justificada no passado. A investigação da autora evidencia as dinâmicas de negociação implícitas a estéticas de ação que imprimiram ao instrumento musical a aura de objeto de representação coletiva.

Susana Moreno fez um trabalho importante e meritório, de leitura agradável. Ao leitor ocorrem-lhe sugestões para futuras pesquisas. Uma seria o estudo do papel do rabel noutras regiões; outra, elaborar monografias sobre outros instrumentos e o seu protagonismo no mesmo período.

Referências

Anderson, Benedict. 2006 [1983]. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso.

Appadurai, Arjun (ed.). 1986. *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bausinger, Hermann. 1990 [org. 1961]. *Folk Culture in a World of Technology*. Bloomington: Indiana University Press.

Binsbergen, Wim M. J. e Geschiere, Peter L. 2005. *Commodification: Things, Agency, and Identities (The Social Life of Things revisited)*. Münster: LIT Verlag.

Campos Calvo-Sotelo, Javier. 2008. *La Música Popular Gallega en los Años de la Transición Política (1975-1982). Reificaciones Expresivas del Paradigma Identitario*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid [em linha] <http://eprints.ucm.es/8801/1/T30909.pdf> (acedido em 19 maio 2012).

Caro Baroja, Julio. 1983. *Tecnología popular española*. Madrid: Editora Nacional.

Castelo Branco, Salwa E. & Jorge F. Branco. 2003. *Vozes do Povo. A folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Martí i Pérez, Josep. 1996. *El folklorismo. Uso y abuso de la tradición*. Barcelona: Ronsel Editora.

Oliveira, Ernesto Veiga de. 2000 [1964]. *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian/ Museu Nacional de Etnologia.

Ronström, Owe. 1989. "Making Use of History. The Revival of the Bagpipe in Sweden in the 1980s". *Yearbook for Traditional Music*, 21: 95-108.

Santos-Granero, Fernando. 2009. *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: University of Arizona Press.

Cita recomendada

Branco, Jorge Freitas. 2012. Reseña de "Susana Moreno Fernández: *El rabel: de las cocinas a los escenarios. Un estudio de caso en Cantabria*". *TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review* 16 [Fecha de consulta: dd/mm/aa]